

# A fábrica de políticos de ACM

■ Favorito para prefeito de Salvador, Imbassai enriquece galeria de homens públicos moldados pelo senador baiano

JORGEMAR FELIX

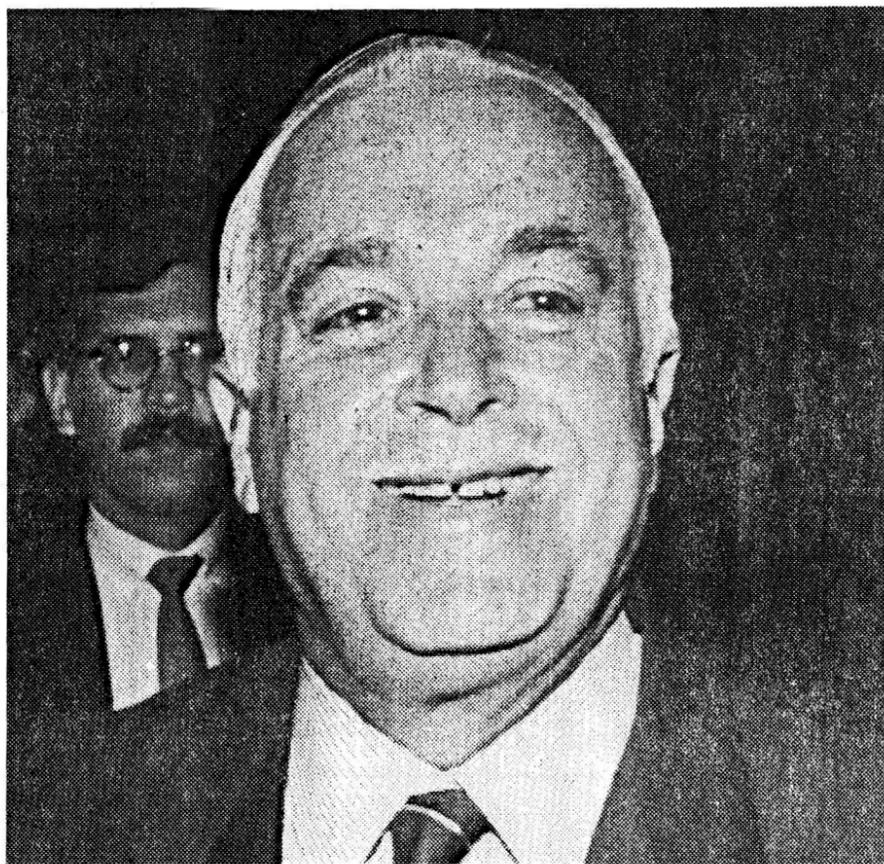
SALVADOR — O senador Antônio Carlos Magalhães (PFL) tem a fama de fazer muitas coisas. A maioria dos brasileiros, porém, desconhece uma de suas funções que exerce com invejável habilidade: inventor de políticos. Nesta eleição, ACM deve provar que pode carregar mais esse título. Se conseguir conquistar a prefeitura de Salvador para o candidato do PFL, Antônio Imbassai, como indicam as pesquisas de intenção de voto, o senador engorda o capítulo político de mais uma biografia. E aumenta também a lista de nomes lançados na vida pública sob a sua bênção.

A fábrica de ACM já forneceu à política nacional o ministro das Minas e Energia, Raimundo Brito, o governador da Bahia, Paulo Souto, o líder do governo na Câmara, deputado Benito Gama, o senador Waldeck Ornelas, o secretário baiano de Energia, Transportes e Comunicações, Eraldo Tinoco, que foi ministro da Educação no governo Fernando Collor, e ainda o deputado José Carlos Aleluia. Quase todos com menos de 50 anos.

**Escolhidos** — “Nenhum deles foi secretário, diretor disso ou presidente daquilo porque era meu amigo”, diz ACM. “Foram escolhidos porque os considero bons no que fazem, porque quando escolho mal quem paga o preço sou eu”.

Engenheiro, funcionário da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (Chesf), Imbassai teria sua carreira profissional limitada às pranchetas. Mas, aos 27 anos, caiu na linha de montagem do senador baiano. Foi diretor de estatais, secretário de estado e um dia aconteceu com Imbassai o que acontece com todos aqueles capturados pela máquina carlista de fazer políticos. Era 1989, estavam, de pé, no escritório de ACM no *Correio da Bahia*. O então candidato a governador segurou no braço de Imbassai: “Você poderia me ajudar muito agora. Candidate-se a deputado estadual, vou precisar demais de você no governo”.

ACM, na época, fez apenas uma ressalva: “Temos só que tomar cuidado para que não tenha tratamento preferencial para você em prejuízo da campanha dos outros”. Encarregou-se, então, de dividir os municípios que dariam votos a Imbassai. Eleito, o deputado virou presidente da Assembleia Legislativa e, em 1994, quando ACM saiu do Palácio de Ondi-



*Considerado o maior inventor de políticos e líder do carlismo, a principal força da Bahia, Antônio Carlos Magalhães tem uma receita que aplica desde 1971, quando assumiu a Prefeitura de Salvador, e que explicaria seu sucesso como descobridor de talentos que garantem a vitalidade do grupo que comanda. “Nunca escolho ninguém por ser meu amigo. Escolho os que considero bons no que fazem, porque quando escolho mal quem paga o preço sou eu”, diz ACM. Além da competência, há outra exigência: ser católico. Em quase três décadas, o senador teve apenas duas decepções com seus eleitos*



na para disputar o Senado e o vice, Paulo Souto, entrou e venceu a disputa da sucessão estadual, Imbassai assumiu o governo-tampão por oito meses.

O primeiro capítulo da biografia de Imbassai começou a ser escrito há mais de 30 anos. Nesses tempos, o poder na Bahia era dividido entre Vianas, Magalhães e Lomantos. Os cargos públicos no estado eram sempre loteados entre essas oligarquias poderosas e aparentemente perpétuas. Quando assumiu, por nomeação, a prefeitura de Salvador, em 1971, ACM quebrou a regra.

Jovens, técnicos recém-formados, sem passado de militância partidária, sem o ranço da política velha e com alguma demonstração de competência, segundo os critérios do padrinho, viram-se de repente no alto escalão da prefeitura. Suas famílias eram de alguma forma conhecidas do benfeitor. Embora nenhum fosse filho do que, no Nordeste, chamam de gente de bem, todos atendiam a um requisito imprescindível: ser católico. “O normal é ser católico, tem mais receptividade”, completa a receita o próprio criador do carlismo, que se tornou a maior força da política baiana.

Cruzam-se as informações. A pergunta é para um Imbassai refestelado na poltrona de seu comitê: O senhor acredita em candomblé? O candidato ajeita-se na

cadeira, como fosse se defender: “Nunca fui ao candomblé, sou católico”. Confere. Os pais? “Meus pais, Olavo e Conceição, eram vizinhos na casa de veraneio de ACM, em Maria das Dores, mas meu pai nunca foi político”. Checado.

Imbassai não serve, sozinho, para comprovar a validade da receita. Muito menos o presidente da Câmara, deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL), filho e maior orgulho de ACM. Muda-se o personagem, então. O ministro das Minas e Energia, Raimundo Brito: “Meu pai era um pobre coitado do interior, apenas admirador de ACM, sem nenhuma importância política porque minha cidade, Acajutiba, tinha 50 votos”.

**Decepções** — Segundo ACM, foram duas apenas as decepções. “Um já morreu e eu posso falar agora. Foi o Luís Sande.” Presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) na época da ditadura, Sande foi um dos três indicados por ACM aos militares para sucedê-lo no governo da Bahia, quando um voto de general valia mais do que os de toda a população. No entanto, Sande desrespeitou a regra principal do grupo: mais importante do que ser católico, é ser leal a ACM.

Sande caiu em desgraça depois de apoiar Aureliano Chaves para

a presidência da República. ACM lutou por Mário Andreazza e foi derrotado por Paulo Maluf na disputa interna do PDS. “Essas pessoas procederam mal comigo, foi muito duro”, diz ACM.

O segundo, garantem alguns de seus seguidores, foi o ex-prefeito Mário Kertesz, que abandonou o grupo por excesso de apetite político. Entrou no PMDB, disputou a prefeitura em 1992, mas foi derrotado. “Esse desviou um pouco”, resume ACM, sem confirmar o nome de Kertesz como seu segundo erro de fabricação.

Agora é a vez da maior dor: Clériston Andrade, candidato a governador em 1986, que morreu a poucos dias da disputa num acidente de avião. “Este é um dos maiores exemplos de escolha técnica. Não o conhecia, não era nem sequer católico, era evangélico”, conta.

De jeito nenhum, ACM adianta os nomes que estão na incubadora, “para não melindrar outros”. Desvia para tentativas fracassadas, como José de Freitas Mascarenhas. “Infelizmente, esse nunca teve pendor para a política”, lamenta.

Mascarenhas trabalha na Construtora Norberto Odebrecht e preside a Federação das Indústrias da Bahia. Ao lado do economista Daniel Dantas e de Jorge Luiz Freire, diretor do Desembanco, forma o grupo apolítico do carlismo.